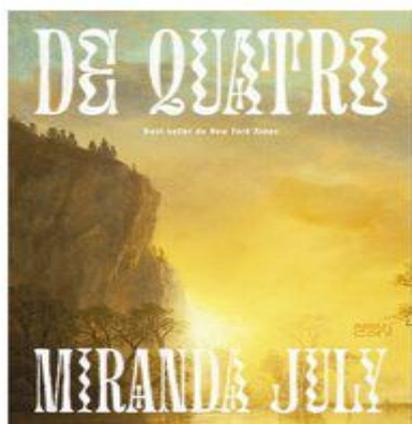


The New York Times escolhe melhores livros do ano de 2024

Dentre os livros escolhidos, os publicados no Brasil até agora foram:

FICÇÃO

De Quatro, de Miranda July



Às vésperas do seu aniversário de quarenta e seis anos, uma artista quase famosa decide cruzar os Estados Unidos de carro, de Los Angeles a Nova York, em uma viagem que mudaria sua vida para sempre. No entanto, trinta minutos

depois de se despedir do seu marido e da sua criança, ela sai da rodovia e se hospeda em um motel. Entre quatro paredes, uma jornada completamente inesperada se inicia e novas maneiras de desejar e de ser surgem em epifanias nada ortodoxas.

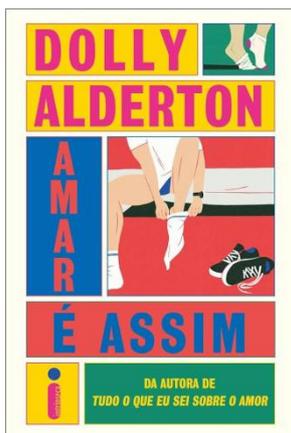
“Ninguém sabe o que está acontecendo”, confessa a narradora. E, mesmo sem saber, ela se joga nessa aventura e tateia em busca de uma liberdade desconhecida. A viagem que se desenrola a partir daí, embora às vezes absurda ou estranha, é uma verdadeira recriação da vida amorosa, sexual e doméstica de uma mulher no século 21.

Miranda July escreve com honestidade brutal e faro para o insólito. Isso faz deste romance uma narrativa selvática e tragicômica sobre crescer depois dos quarenta anos. Com ecos de autoficção e expondo uma vulnerabilidade sedutora, De quatro faz com que nos apaixonemos diante da possibilidade de novos e belos destinos.

“De quatro suscitou um burburinho entre mulheres que fantasiam sobre o desejo e a liberdade [...]. É sobre isso que todas estão falando em seus grupos de mensagem.” – New York Times

“Maior do que a vida: a escritora e cineasta Miranda July explora a dança, o desejo, a mortalidade e a transcendência em uma jornada de autoficção selvática.” – The Guardian

Amar É Assim, de Dolly Alderton



Andy ama Jen. Jen amava Andy. E ele não consegue entender por que ela parou de amá-lo. Aos 35 anos, o humorista sente que deveria ter tudo sob controle, mas, depois de ser chutado pela única mulher que amou de verdade, percebe que já faz uma década que espera sua carreira decolar, e agora ainda está morando de favor na casa dos melhores amigos. Como pode a vida de todos ao seu redor

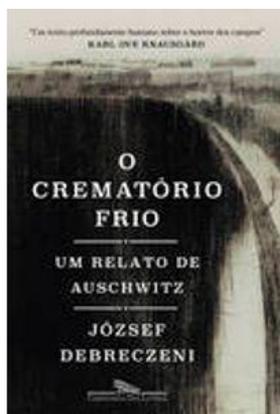
estar tão bem quando a dele simplesmente parece uma grande piada? À deriva em um mar de desgosto e nostalgia, Andy fica obcecado em entender por que seu relacionamento chegou ao fim. Afinal, se descobrir o que deu errado, talvez Jen volte para ele — e, nesse meio-tempo, ele ainda consiga colocar o resto da sua vida de volta nos eixos.

Assim, Andy se lança em uma jornada caótica para sair do fundo do poço, entre muito chororô, dietas impossíveis, álcool antes de meio-dia e várias espiadas em antigas trocas de mensagens com a ex. No entanto, com a ajuda dos amigos e da passagem do tempo, ele logo vai se dar conta de que ainda tem muitas coisas a descobrir. E uma delas é a versão de sua ex sobre toda essa história.

Em *Amar é assim*, Dolly Alderton discute de um jeito inteligente e espirituoso temas como amizade, término desastrosos e os dilemas dos trinta anos, incorporando grandes doses de dor de cotovelo e do turbilhão de sentimentos que todo mundo que já passou por um término difícil conhece bem. Uma análise magistral dos relacionamentos modernos, que revela uma mensagem importante: as histórias nunca têm um lado só.

NÃO FICÇÃO

O Crematório Frio: um Relato de Auschwitz, de József Debreczeni



Setenta anos após sua primeira publicação em húngaro, este clássico redescoberto da literatura do Holocausto recebe sua primeira edição em língua portuguesa. Um relato profundamente humano sobre o horror dos campos de concentração, sob o olhar de um de seus sobreviventes.

Ao saltar do trem, um grupo de judeus é direcionado a dois caminhos: à esquerda, aqueles julgados sem serventia, imprestáveis para o trabalho forçado, que seriam executados em menos de uma hora; à direita, os que seriam encarcerados e escravizados, cujos corpos seriam destituídos de qualquer tipo de humanidade — mas que seguiriam vivos. József Debreczeni foi um dos que tiveram "sorte". Passou doze meses atroz de servidão em uma série de campos de concentração, terminando no Crematório Frio, como era chamado o hospital de Dörnhau, onde os prisioneiros fracos demais para trabalhar eram deixados para morrer.

Publicado originalmente em húngaro em 1950, O crematório frio nunca fora traduzido devido às hostilidades da Guerra Fria e do antissemitismo. Passaram-se mais de sete décadas até este livro ser vertido em quinze idiomas, finalmente inserindo-o no rol das grandes obras da literatura sobre o Holocausto.

Debreczeni obriga o leitor a imaginar seres humanos em circunstâncias impossíveis de compreender intelectualmente, revelando-nos uma sociedade assombrosa. Como ressalta o posfácio de Michel Laub à edição brasileira, este relato é um registro histórico — mas que, em tempos

sombrios de extremismo político, faz também as vezes de uma súplica: que o passado não volte a se repetir.

Fonte: Amazon